

SABERES DOCENTES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS AVALIATIVOS ADOTADOS PELOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE RIO VERDE-GO

Natália Cristina Souza Pereira¹,
Fabiana Kalil Borges²

Resumo Este artigo busca elucidar as possíveis causas dos processos de escalonar, classificar e mediar no ato avaliativo. Pretendemos identificar o posicionamento e as escolhas dos métodos de verificação de aprendizagem escolhidos pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia aplicada a este estudo é uma abordagem quantitativa com enfoque na compreensão das falas dos sujeitos participantes desta pesquisa, a partir da problemática da avaliação como relação de poder. O determinante usado na escolha da instituição se deu pelas autoras do texto trabalharem nessa escola. A coleta de dados foi feita por meio de questionários. O procedimento quantitativo adotado para o tratamento dos dados apoia-se em Moreira (2011), com a análise estatística, aplicado para demonstrar os resultados da escolha dos procedimentos praticados pelos professores sobre as temáticas: quantificar ou mediar. desta forma, entendimento dos artifícios adotados pelos professores ao mensurar o processo de ensino, desencadeia reações, emoções e controvérsias. Por esses motivos, vale a pena discutir os critérios relevantes utilizados pelos docentes em suas escolhas. Para essa discussão, nos pautamos em autores como: Demo (1999), Hoffman (2005), Perrenoud (1999) e Luckesi (2005).

Palavras-chave: Avaliação; Saberes Docentes; Quantificação.

Abstract This article aims to elucidate the possible causes of processes to scale, classify and mediate in the evaluative act. We intend to identify the placement and choices of learning verification methods chosen by the teachers of initial years of elementary school. The methodology applied to this work is a quantitative approach focusing on understanding of the subjects' speech in this study, from the problematic of evaluation as power relationship. The data collection was done through questionnaires. The quantitative procedure adopted for the treatment of data was based in Moreira (2011), with statistical analysis that will be explained during this paper, highlighting the procedures carried out by teachers about the themes: quantify or mediate. Thus, the understanding of devices adopted by the teachers at the time to measure the teaching process initiates reactions, emotions and controversy. For these reasons, it is worth discussing the relevant criteria used by the teachers in their choices. In this text, we will evidence the contributions of some authors, such as: Demo (1999), Hoffman (2005), Perrenoud (1999) and Luckesi (2005).

Keywords: Evaluation; Teachers knowledges; Quantify.

1. Introdução

¹Natália Cristina Souza Pereira.. Formada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues- (ISEAR) em Rio Verde-GO. Mestranda do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, do Campus Jataí. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – (FAPEG), nataliacristina.pacto.gov@gmail.com.

²Fabiana Kalil Borges. Formada em Pedagogia pela Universidade de Rio Verde-GO. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática, do Instituto Federal de Goiás, Campus Jataí, fabianakborges@gmail.com

A reflexão sobre o ato de avaliar, nos ambientes escolares, tem sido uma tarefa desafiadora para os pesquisadores e professores que lidam com este processo de verificação de aprendizagem. Desta forma, os desafios e as controvérsias sobre a avaliação causam a mensuração em diferentes momentos e as razões são diversas.

A intenção de pesquisar os saberes docentes e as posturas perante o ato avaliativo advém das inquietações recebidas e praticadas no decorrer da nossa prática docente. Reflexões sobre: *O que avaliar, Para quem avaliar, E o porquê avaliar*, tornaram-se questões que orientam o nosso trabalho com os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF).

Nesse texto, as teorizações têm como base os posicionamentos de Demo (1999) e Hoffman (2005), pois ambos possuem concepções distintas quanto à prática da avaliação. Para Demo (1999), não é possível avaliar sem escalonar, e escalar relaciona-se com uma forma de organização em tudo o que fazemos escalonamos e, nem sempre, percebemos que esta ação é feita.

Entretanto, Hoffman (2005) salienta que a avaliação deve ser mediadora e partir do coletivo para o individual, deixando de ser classificatória. Esse, então, seria o primeiro passo para ampliar os caminhos que possibilitem ao indivíduo descobertas e compreensões no ensino. Hoffman (2008) e Demo (2004) em conjunto, ressaltam que avaliar tem sido uma forma de impor poder. Nesta perspectiva, torna-se relevante aos educadores a reflexão deste ato, pois a avaliação deve estar voltada para a aprendizagem e não como reação de legitimação.

Para reconhecer a postura adotada pelos professores no processo de avaliação, utilizamos um questionário com oito questões. A intencionalidade pretendida está em reconhecer a postura destes profissionais em relação suas atitudes de escalonar ou mediar. Neste estudo, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa quantitativa.

A abordagem metodológica foi baseada em Moreira (2011, p. 77), que entende a pesquisa quantitativa como “Realidade objetiva, com existência própria. O pesquisador não afeta ao que se está pesquisando. Os instrumentos são uma maneira de alcançar medições precisa de objetos e eventos com existência própria”. Os delineamentos elencados para os resultados foram extraídos do tratamento estatístico. Após as análises dos questionários, fizemos a representação das respostas a partir dos resultados estatísticos.

2. Materiais e Métodos

Na busca por encontrar possíveis caminhos sobre os saberes docentes no processo de avaliação, coletamos os dados para identificar as reflexões e as ações desempenhadas pelos educadores no momento de avaliar. Neste estudo, utilizamos a aplicação de questionários com oito perguntas subjetivas. Estes questionários foram entregues a 25 professores de uma escola da rede municipal de Rio Verde-GO. Os sujeitos pesquisados receberam dois termos sendo o primeiro de “Consentimento e Livre Esclarecido com a finalidade de esclarecer os objetivos da pesquisa”. E o segundo, “Consentimento de participação como sujeito da pesquisa”, os participantes assinaram esse termo no intuito de participar do estudo.

Entretanto, houve reverses referentes à coleta de dados, principalmente, quanto à devolução dos questionários, dos quais apenas dezesseis foram respondidos, o que representou um quantitativo pequeno.

Assim, Chizzotti (1991, p. 55) salienta que

O questionário consiste em um conjunto de questões sistemáticas e sequencialmente dispostas em itens que constitui o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada.

O trabalho utilizou relatos precisos das reflexões dos docentes. A preocupação está relacionada com a visão dos professores sobre os saberes docentes no processo de avaliar: quantificar ou mediar.

2.1. Avaliação no âmbito escolar

A avaliação foi e ainda é inserida como uma forma de medir o conhecimento, para verificar se houve ou não aprendizagem, e com um caráter classificatório. Atualmente, a avaliação tem sido alvo de investigação e discussão entre os estudiosos, por acreditarem que essa ferramenta só tem sentido se utilizada corretamente.

No entanto no âmbito educacional, avaliar é acompanhar a realidade dos alunos, seus avanços, suas dificuldades, bem como as decisões que, nós educadores, temos que tomar em determinadas situações no momento de avaliar. Podemos afirmar que esta ação “[...] envolve um conjunto de procedimentos didáticos cuja finalidade é acompanhar o aluno em seu percurso de aprendizagem, durante o qual ocorrem avanços e/ou retrocessos em múltiplas dimensões. Avaliar é acompanhar o processo de construção de conhecimentos”.

(HOFFMANN, 2008, p. 52).

Dessa forma, o professor precisa acompanhar o processo avaliativo com cautela, no sentido de manter uma coerência ao avaliar o aluno nas diferentes esferas do conhecimento. Isso porque, a prática pedagógica não consiste somente na mera transmissão de conteúdo, mas também, a compreensão dos mesmos.

A LDB Lei de Diretrizes e (Bases) de 1994 estabelece que a avaliação deve ser contínua, priorizando a qualidade e o processo de aprendizagem ao longo do ano. Sendo assim, avaliar utilizando apenas provas ou trabalhos significa dar continuidade à avaliação tradicional, também conhecida como somativa ou classificatória, cujo único objetivo é definir uma nota ou estabelecer um conceito quantificando em uma escala o que os estudantes aprenderam ou não e ordenando-os de acordo com a nota alcançada.

A avaliação formativa surge como uma oposição à avaliação tradicional, e passa a ser um termômetro para melhorar o trabalho docente, pois ela prevê que os estudantes possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes, isso desperta, no professor, a consciência de diversificar as estratégias de trabalho e planejar suas aulas considerando a heterogeneidade de sua sala de aula.

A avaliação formativa tem como prioridade garantir uma sociedade em que todos tenham o direito de aprender por cooperação e inclusão, em vez da competição e da exclusão.

Segundo Demo (2004), a aprendizagem dinâmica reconstrutiva ocorre de dentro para fora, ou seja, não é a realidade externa que simplesmente se impõe ao sujeito, mas é ele que, no processo de aprendizagem, a capta de modo reconstrutivo, interpretativo ou hermenêutico. Nesse processo, o aluno, construtor do seu próprio conhecimento, não pode permanecer, no contexto educativo, escutando, copiando e devolvendo de modo reprodutivo na prova.

A partir dessa reflexão, podemos reafirmar que o professor tem papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois podem proporcionar a eles orientações individualizadas, atividades diferenciadas e significativas, no sentido dos educandos avançarem no processo de ensino – aprendizagem e promoverem sua real autonomia.

Portanto, a avaliação não pode ser construída de forma isolada. Ela precisa oportunizar momentos de aprendizagens e destruir os rótulos que a sociedade historicamente foi acumulando acerca da avaliação.

2.2. Justiça da precisão x erro construtivo

Avaliação costuma ser entendida como um instrumento de testar e medir e na medida em que as ações sobre o ato avaliativo acontecem, percebemos a incidência da injustiça da precisão nas atividades escolares. Assim, o procedimento de avaliar seguindo exames nos leva a refletir sobre a postura do educador em relação à bandeira da justiça imposta por ele ao aplicar, corrigir e quantificar.

Nesta perspectiva, a avaliação se encontra imbricada ao aspecto quantitativo, suscitando uma relação de justiça por parte do professor que, ao avaliar, quantifica as ações dos educandos conforme o que cada um produz em sala de aula. Por meio dessa ação, a precisão que a nota oferece, leva a creditar que há prática de justiça no ato avaliativo.

Porém, para Hoffmann (1998, p. 61),

Em nome da justiça da precisão o professor nunca foi tão injusto. Isso porque, segundo a autora, à medida que as crianças realizam suas tarefas, elas efetivam muitas conquistas, refletem sobre as suas hipóteses, discutem com os pais ou colegas, justificam suas alternativas, enfim, o aprendizado é um processo dinâmico que a concepção constativa da testagem não consegue abarcar, pois desconsidera a importância da interação entre os próprios alunos e entre eles e o professor, bem como da argumentação e da reflexão conjunta.

A utilização dos testes e a média de escores obscurecem o sentido real da avaliação que é o de movimento, ação e reflexão. É relevante reconhecer os instrumentos de medidas e refletir sobre o seu uso visto que, eles podem atingir resultados fidedignos em números, mas esta conduta não deveria ser adotada como requisito de preeminência para avaliar o aluno.

A avaliação deve protagonizar um cenário, no qual o essencial está em reconhecer o processo de ensino, que pudessem perceber o mundo por meio das suas próprias particularidades, revendo e transformando os seus espaços. Desse modo, o primordial é dinamizar a interação entre aluno, conhecimento e professor em vez de aproxima a exatidão das notas.

Mesmo que esta seja a prática que prevalece nos ambientes escolares, muitos educadores se preocupam com suas atitudes ao avaliar e sentem incomodados com a possibilidade de serem injustos. Por isso, os docentes tentam mudar suas atitudes e procuram esclarecer os critérios utilizados em suas avaliações, além de explicar quais são os objetivos a serem alcançados e buscar participação dos alunos em atividades extras e em recuperações

paralelas. Mas será que esta atitude em oferecer oportunidades aos alunos seria o suficiente para minimizar a injustiça da precisão?

Diante desta situação, consideramos importantes apontamentos feitos por Castorina (1988, p. 44), “ser educador hoje em dia implica interrogar-se sobre o significado dos erros, para poder repensar uma didática científica”. Em outras palavras, a valorização dos erros dos alunos por parte do professor seria um passo significativo para a compreensão das alternativas, das experiências de vida e do processo de superação dos educandos diante de seus erros.

Na perspectiva de superar os erros verificamos que a avaliação desvincula a situação de inquisição de notas, respostas certas ou erradas e passa a ter um sentido investigativo e reflexivo do educador sobre as manifestações dos alunos. Esse é um exemplo de uma avaliação em que a organização do saber mediará a ação, o movimento e a provocação na expectativa de propor uma reciprocidade intelectual entre as ações educativas (HOFFMANN 1998).

A avaliação não deve ser considerada uma fórmula mágica, precursora de todas as respostas às mazelas existentes no processo de avaliar o aluno. Pelo contrário, a avaliação deve ser vista como uma parte fundamental no desenvolvimento das relações concretas que envolvem os elementos da ação educativa. É necessário mostrar as potencialidades que podem ocorrer quando este instrumento de verificação e diagnóstico é utilizado com consciência, dinamismo, intencionalidade e com elos contínuos de construção ao conhecimento.

4. Resultado

Dentre estas apreensões, tratamos, a seguir, as discussões dos questionamentos levantados e das respostas obtidas.

TABELA 1 - Amostragem dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa

Sujeitos da pesquisa	Quantidade	Turma
Docentes	16	1º ao 5º

FONTE: Fabiana Kalil Borges e Natália Cristina Souza Pereira, 2015.

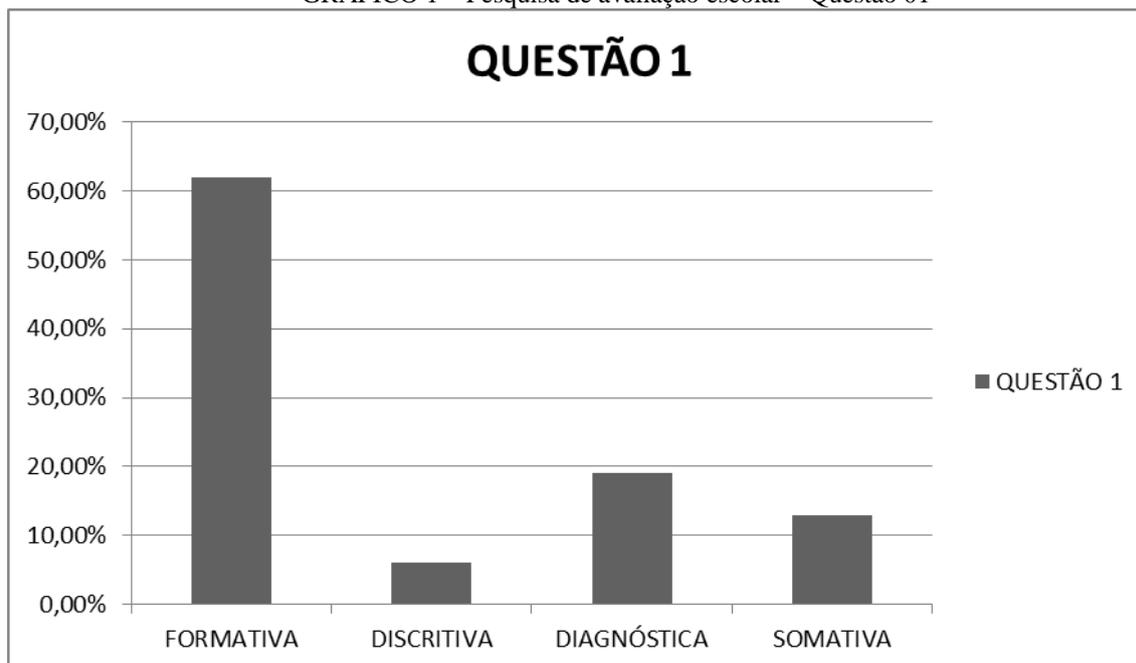
Abaixo citamos as questões que foram abordadas na pesquisa:

Como deve ser a avaliação escolar?

- 1- A avaliação está em detrimento da seleção ou da aprendizagem dos alunos?
- 2- Quais são os tipos de avaliações que você conhece?
- 3- Cite as que você utiliza em suas aulas:
- 4- Relate quais os pontos positivos e negativos de cada uma delas:
- 5- Qual a sua postura como professor frente à Avaliação como Mediação nas alternativas de solução construídas pelos seus alunos?

- 6- Em sua opinião, o procedimento de testar e medir por meio da Avaliação o que o aluno aprendeu, está para prestabilidade da bandeira de justiça dos educadores ou na injustiça da precisão?
- 7- A avaliação em sua opinião atende a postura compreensiva ou reducionista?

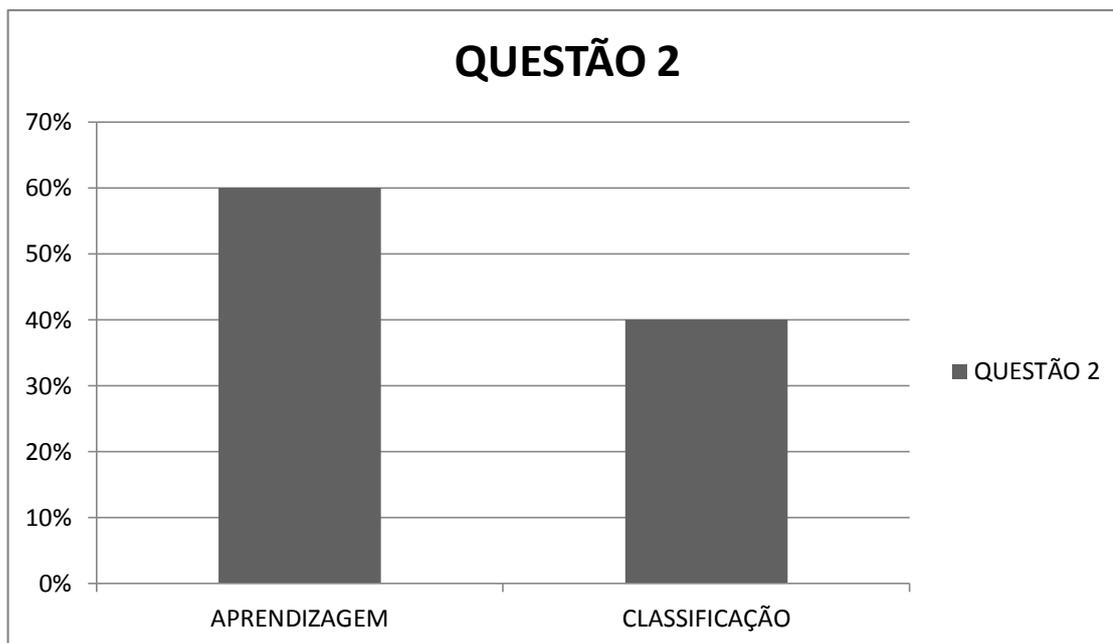
GRÁFICO 1 – Pesquisa de avaliação escolar – Questão 01



FONTE: Fabiana Kalil Borges e Natália Cristina Souza Pereira, 2015.

A maioria dos professores que responderam os questionários entende que a avaliação deve ser formativa, ou seja, o processo de avaliação precisa ser voltado para ampliar a qualidade da aprendizagem. Segundo Perrenoud (1999), a avaliação formativa está relacionada com a junção e a confiança entre alunos e professores, pois ambos possuem papéis fundamentais para que esse tipo de avaliação formativa ocorra. Os educadores devem estabelecer a organização e propiciar estratégias para a mediação, interação e, por fim, chegar à cognição.

GRÁFICO 2 – A avaliação em detrimento da seleção ou aprendizagem – Questão 02.



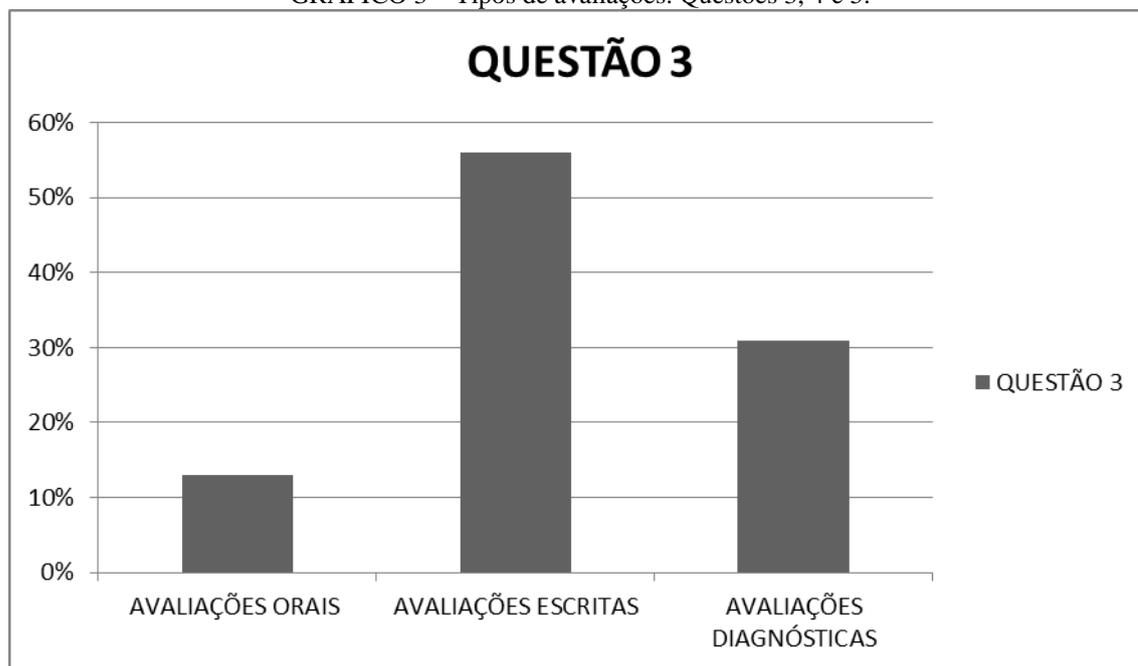
FONTE: Fabiana Kalil Borges e Natália Cristina Souza Pereira, 2015.

Ao analisar os resultados acima, percebemos que a maioria dos docentes respondeu que a avaliação está a serviço da aprendizagem. Esse posicionamento mostra que a avaliação está inserida em um contexto já formalizado. A prática de usá-la a tornou um instrumento de mensuração de aprendizagem, mas o ideal seria uma avaliação que priorizasse a relação do ensino como guia e orientador dos passos dos educadores (LUCKESI, 2005).

Nesta perspectiva, fica notório que a avaliação, mais uma vez é apresentada com uma postura quantificada, ou seja, o aluno só aprende quando tira boas notas.

As questões 3, 4 e 5 fazem relação com a função dos tipos de avaliações usadas pelos docentes. A terceira questão pergunta os tipos de avaliação que os professores conhecem. As respostas foram escritas no gráfico: avaliação oral, avaliação escrita e diagnóstica. Na quarta, foi representada os resultados no gráfico. Na quinta questão, apresentamos os pontos positivos e negativos percebidos com o uso da avaliação. Dessa forma, fizemos a exposição das respostas em apenas um gráfico e os relatos da questão cinco, foram explicitados no decorrer do texto.

GRÁFICO 3 – Tipos de avaliações. Questões 3, 4 e 5.



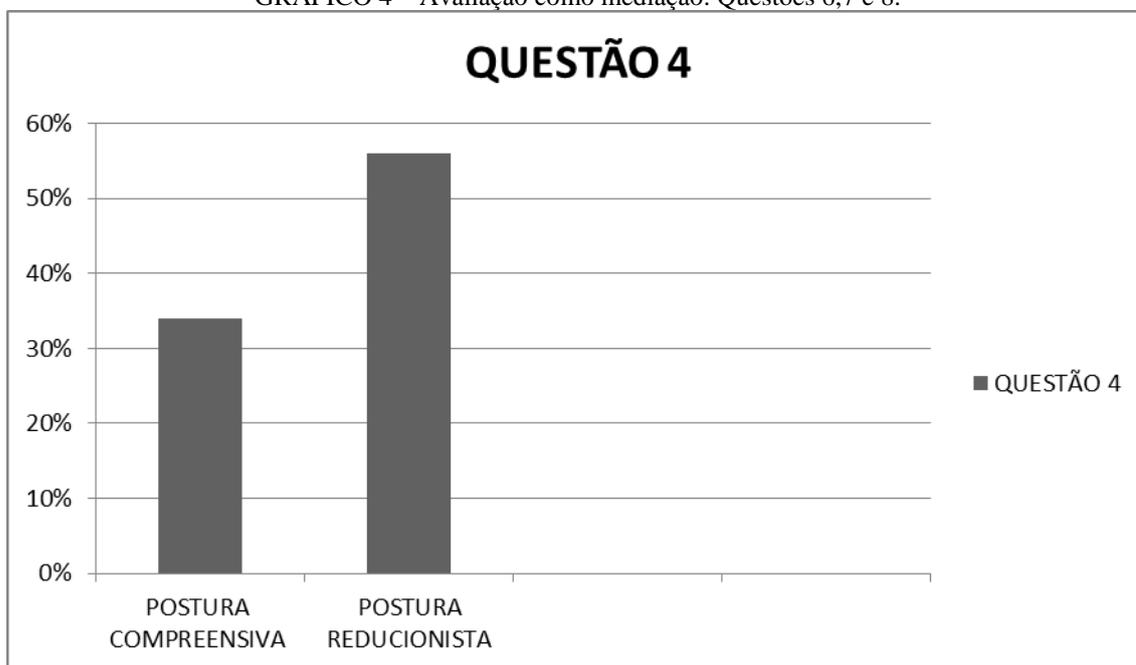
FONTE: Fabiana Kalil Borges e Natália Cristina Souza Pereira, 2015.

O gráfico acima mostra que os tipos mais utilizados de verificação nos AIEF são as avaliações escritas e em seguida a diagnóstica, a primeira é aplicada no sentido de verificar o que o aluno assimilou por meio de resoluções de questões objetivas e subjetivas com o objetivo de atender critérios avaliativos. A segunda apresenta uma avaliação em função da aprendizagem, ou seja, busca identificar o que o aluno não atingiu para posteriormente, propor atividades que despertem competências. A escolha da avaliação escrita teve o maior percentual e atingiu 56%. Portanto, a avaliação de forma interpretativa é a mais usada para escalar os níveis quantitativos que são impostos pela escola.

Quanto aos pontos positivos e negativos dos tipos de avaliações usadas na escola, pode-se constatar que o índice maior dos relatos apontou a avaliação escrita como uma verificação repleta de insatisfações, pois, atende os interesses do sistema que busca atingir coeficientes numéricos e desta forma, ocasionam fragilidades pertinentes na função real da avaliação.

Por fim, os resultados, das questões 6, 7 e 8 abordam respectivamente, a avaliação como:

GRÁFICO 4 – Avaliação como mediação. Questões 6,7 e 8.



FONTE: Fabiana Kalil Borges e Natália Cristina Souza Pereira, 2015.

Ao término das análises, notamos que os saberes docentes relacionados com a avaliação carregam uma postura eminente de poder. Na última questão, abordamos os resultados das questões 6 e 7 como sendo, questões que completam a indagação da questão 8. Pois, na questão 6, a maioria dos docentes responderam que a postura adotada atende em raros momentos a ação mediadora. Quanto a questão 7, avaliação atende a bandeira da injustiça, sendo que alunos com um desenvolvimento bom acabam em algumas provas não saindo bem, isso mostra que a avaliação vem para quantificar.

Diante do exposto, torna-se perceptível que os discursos se contradizem, ora reconhecem a avaliação como um ato de classificação, ora compreendem essa verificação como ação e movimento. Desse modo, percebemos que é necessário aos docentes refletirem sobre a avaliação como mediadora da aprendizagem.

Para tanto, na questão 8, os professores responderam que a avaliação é vista por 56 % como reducionista e classificatória visa apenas atingir resultados quantitativos e nega a postura compreensiva em reconhecer a avaliação como instrumento de percepção para identificar o que deve ser estruturado no ensino de determinados conteúdos. Além disso, verificamos que a avaliação continua sendo uma prática que pune e que visa à coletividade, deixa de ser praticada como um instrumento de reflexão, ação e movimento.

A avaliação faz parte de um contexto histórico em que é vista apenas como forma de testar e medir o conhecimento dos alunos, julgando se houve aprendizagem ou não. Atualmente, na concepção de avaliação formativa, o ato de avaliar permite ao professor acompanhar as atividades realizadas no âmbito escolar e proporciona a ele momentos para identificar as dificuldades dos alunos diariamente.

As práticas avaliativas dos professores precisam ter o critério de saber diagnosticar e entender o processo avaliativo de forma significativa. Para isso, é necessário trabalhar as diversidades sem que elas se tornem desigualdades, isto é, deve-se estabelecer relações sociais entre alunos e professores, em sala de aula, como um processo pedagógico interativo, no qual, o principal objetivo é conseguir que os alunos aprendam de forma significativa.

Ademais, é importante redirecionar o trabalho pedagógico do educando, para que ele faça uma autoavaliação e mude suas estratégias, de modo que haja um planejamento para alcançar suas metas. Ao atuar como mediador, o professor proporciona aos alunos a construção e desenvolvimento do seu próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acessado em: 02 mar. 2009.

CASTORINA, José Antônio. **Psicologia genética**: aspectos metodológicos e implicações pedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciência humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, P. **Mitologias da avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

HOFFMAM, Jussara. **Avaliar**: respeitar primeiro, educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2008.

_____. **Pontos e contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **Avaliação**: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOREIRA, M. Antônio. **Metodologias de pesquisa em ensino**. São Paulo: Física, 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.